

190

1517 1

Em pé de guerra



luminar

IRINEU DALLA VALLE/DC/Seara

Índios do Toldo do Pinhal querem a saída de posseiros. Ontem, eles fizeram novos reféns e ameaças 137

70	333									1517
----	-----	--	--	--	--	--	--	--	--	------

▼ CONFLITO

Kaingangues fazem mais dois reféns

Ademar Simon, do Incra, e João Oselane, da Funai, tentaram interceder junto aos índios e acabaram detidos

PAULO ÉDSON PAIM
 Seara

O superintendente do Incra, Ademar Simon, e o funcionário da Funai, João Batista Oselane, são os dois mais novos reféns dos índios kaingangue do Toldo do Pinhal, em Seara. Simon tentou ontem à tarde interceder junto à tribo para a liberação do executor do Incra, Euclides Basso, e do administrador regional da Funai, Ademir Migliavaca - feitos reféns na quarta-feira -, prometendo aos índios urgência na solução do problema fundiário. Os índios não aceitaram diálogo, e só conversam com os dirigentes federais dos dois órgãos.

O bispo dom José Gomes tentou interceder no Toldo para que os reféns fossem libertados, mas não obteve êxito. O clima fica insustentável a partir de agora. Os índios ameaçam maltratar os prisioneiros e invadir as propriedades dos agricultores, ferindo proprietários e abatendo gado. Já são mais de 300 os kaingangues acampados no Toldo do Pinhal.

Este acampamento se transformou nos últimos dois anos em uma panela de pressão. Em 1994 o governo federal reconheceu por decreto a área de 894 hectares como de propriedade dos índios. Nela vivem 41 famílias de agricultores proprietários e mais 15 arrendatários que só aceitam deixar as terras se forem indenizados ou reassentados. Os índios querem uma solução rápida do Incra.

Às 17h dom José concordou em seguir junto para Seara. Simon precipitou-se. Foi na frente e quando chegou perto do acampamento ficou dentro da caminhonete Ipanema, do Incra, a 100 metros de onde estavam os dois reféns: Mandou Oselane, da Funai, mostrar aos kaingangues que já existem R\$ 508 mil para pagar as benfeitorias dos primeiros colonos. Os índios exigiram a presença de Simon.

INCOMUNICÁVEIS - No tumultuado encontro, o superintendente foi desacatado, humilhado e mandado embora. Quando entrou na caminhonete, às 18h15min, Simon foi surpreendido. Os kaingangues mudaram de idéia. Retiraram ele e Oselane à força do interior da Ipanema e os levaram para dentro da Escola Nova Brasília, onde permaneceram incomunicáveis.

Surpresa



Superintendente Simon (C) foi retirado à força de seu veículo e levado para dentro da Escola Nova Brasília

Funcionários estão incomunicáveis

O executor do Incra, Euclides Basso, e o administrador Regional da Funai, Ademir Migliavaca, continuam como reféns dos índios do Toldo do Pinhal em Seara, mas com um agravante: estão incomunicáveis, agora com a presença próxima de Ademar Simon e João Batista Oselane, os dois outros reféns do Toldo. Coordenados pelo cacique João Gonçalves Myn, os índios não permitem qualquer contato com os dois homens. Funcionários da Funai estiveram no acampamento ontem de manhã para tentar pôr um fim na prisão de Basso e Migliavaca. Conversaram demoradamente com os líderes kaingangue, mas não obtiveram sucesso. Sem possibilidade de diálogo com seus comandantes, feitos reféns, eles foram embora.

A primeira noite de quarta para quinta-feira - em poder dos índios foi tranquila para Basso e Migliavaca. Eles dormiram na Escola Nova Brasília, onde os filhos dos kaingangues estudam. A porta foi fechada por fora. Durante a noite os índios dançaram, cantaram e, pintados a rigor, fizeram seus rituais de guerra. Apesar de sair da escola para fazer refeições no centro comunitário da comunidade, onde mora o cacique Myn, Basso e Migliavaca não podem falar com ninguém. O administrador da Funai tentou ontem pela manhã enviar



Bispo dom José Gomes tentou interceder no Toldo mas não obteve progresso

um bilhete para a família, pedindo objetos pessoais, como roupas e sapatos. Os índios pegaram a mensagem e guardaram. O contato estava proibido.

TENSÃO - O cansaço e a tensão são os dois principais

inimigos dos quatro reféns. Os kaingangue prometem a partir de hoje servir apenas refeições típicas a eles. "O rigor das ações vai aumentar a cada dia", garantiu um dos líderes do ato. O cacique João Gonçalves reafirmou

ontem que os reféns só sairão do Toldo quando todas as famílias de colonos "limparem a área". E mesmo diante da possibilidade de que o desfecho demore bastante tempo, Gonçalves não se impacienta. "Pois aí eles ficam 30, 60, 90 dias."

Questão das terras: os dois lados da moeda

Achar um termo comum para os proprietários, arrendatários e posseiros do Toldo do Pinhal não vai ser uma tarefa fácil para Funai e Incra. Os interesses, objetivos e exigências são distintos em cada propriedade. Ou pelo menos em cada uma das alas em que os colonos se dividiram. Os 38 proprietários e 15 arrendatários foram se identificando com propostas e promessas diferentes. Apesar de morar perto e estar vivendo um mesmo problema, não falam a mesma língua há muito tempo. Muitos respeitam a opinião contrária. Outros preferem ignorá-las. A panela de pressão tem ingredientes incompatíveis.

"Ninguém mais quer terra", garante o agricultor Ivo Ferenz, que tem 15 hectares no Toldo, ao explicar que ele e o irmão, Guerino, não aceitam ser reassentados. "Se não formos indenizados, não saímos e vamos acabar morrendo aqui", diz. O colono Valentin Ferenz concorda com a atitude dos índios em tomar como reféns o executor do Incra, Euclides Basso, e o administrador Regional da Funai, Ademir Migliavaca. "Nessa parte eles estão certos porque vão pressionar o Incra e a Funai", afirma. Os Ferenz argumentam que não querem mais terra porque correm o risco de perdê-la outra vez para os índios. "Ninguém garante no Brasil que a terra que vamos receber não é dos índios", argumentam.

REASSENTAMENTO - A contrariedade às opiniões dos Ferenz vem a poucos metros de distância. Arlindo Kuhn, agregado de um proprietário das terras do Toldo, faz uma pergunta: "Alguns vizinhos querem ir para a cidade, mas vão fazer o que lá?" Kuhn argumenta que a maioria dos proprietários e empregados da região não tem escolaridade para tentar um emprego urbano. O patrão de Arlindo é Armino Kosmann, um dos pequenos proprietários da área em conflito. Em setembro, Kosmann esteve com mais seis colonos na sede da Funai, em Chapecó, e confirmou sua intenção de ser reassentado. "Ele está lutando para continuar na terra e criar os filhos", diz Arlindo.